

Ponencia presentada a: GT 1 Comunicación Intercultural y Folkcomunicación

Um Estudo De Caso Sobre A Requalificação Do Museu Dos Ex-Votos Do Bomfim: Adaptações E Reorganizações

A Case Study On The Requirement Of The Bomfim Ex-Votes Museum: Adaptations And Reorganizations

*Genivalda Cândido da Silva*⁴⁹
*José Cláudio Alves de Oliveira*⁵⁰

RESUMO: O texto apresentado é resultado de um trabalho realizado no Museu dos Ex-votos do Santuário do Bomfim. A partir de experiências adquiridas ao longo de oito anos de vida acadêmica, assim como, do contato constante com os espaços apresentados e a temática do Museu, é que foi possível aceitar o convite feito pela Irmandade, e então reorganizar a coleção sob os parâmetros da museologia e numa visão da folkcomunicação, mentora principal do olhar sobre os ex-votos desse museu.

PALAVRAS-CHAVE: Ex-votos; Cultura popular; Memória; Coleção; Museu.

ABSTRACT: The text presented is the result of a work carried out in the Museum of the Ex-votos of the Sanctuary of Bomfim. From experiences acquired over eight years of academic life as well as constant contact with the spaces presented and the theme of the Museum, is that it was possible to accept the invitation made by the Brotherhood, and then reorganize the collection under the parameters of museology and a vision of folkcommunication, the main mentor of the look on the ex-votos of this museum.

KEY WORDS: Ex-votos; Popular Culture; Memory; Collection; Museum.

COLEÇÕES, COLECIONISMOS E COLECIONADORES

Os atos de colecionar e de formar coleções são apontados como as possíveis origens dos museus. Sejam por coleções religiosas ou não (profanas), o colecionismo é muito antigo, com registros de uma herança advinda da antiguidade, e a trajetória de vida do ser humano e o seu processo evolutivo é marcado por uma contextualização singular por colecionar “objetos/coisas”. Phillipp Bloom explica que colecionismo “O colecionismo é a prática que as pessoas têm de guardar, organizar, selecionar, trocar e expor diversos itens por categoria, em função de seus interesses pessoais” (BLOOM, 2003, p. 12).

Completando o pensamento de Bloom (2003), Pomian (1985, p. 53) elucida o significado de coleção, concluindo assim o axioma para darmos continuidade à escrita.

Uma coleção é qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mandos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e exposto ao olhar do público.

Assim, a partir da definição exposta acima, pode-se entender um pouco mais sobre o que está sendo apresentado e o que virá a ser discutido mais adiante no texto, e as correlações entre *Colecionismo*, *Gabinete de Curiosidades* e o Museu dos Ex-votos do Santuário Basílica do Senhor do Bomfim em Salvador, Brasil.

⁴⁹ Genivalda Cândido. Museóloga. Mestra em Museologia - UFBA. Brasil. v.bridacandido@gmail.com

⁵⁰ Professor Associado III – UFBA Coordenador do Núcleo de Pesquisa dos Ex-votos. Departamento de Museologia - PPGCI e PPGMUSEU. Brasil. claudius@ufba.br

A palavra *Coleção* é de origem *latim*⁵¹, *Colligere* que significa “recuperar, tomar de volta, escolher, recolher”. Como quando as pessoas selecionam e retiram do pé os melhores frutos. Passou ao sentido atual de “ler, obter informações através da percepção das letras” porque fazer isto indica uma capacidade de escolher e definir corretamente letras e palavras. É equivalente à expressão latina *legere oculis*, “colher com os olhos”. O termo *Colecionar*⁵² tem por significado eleger, recolher, conservar, pesquisar por ou a respeito de algo, alguma coisa “escolher entre objetos para formar um conjunto com características comuns”, ou seja, escolher e reunir distinguindo-se da acumulação. Pomian (1985) classifica os objetos em três tipologias: coisas [para alguns utensílios]; semióforos e desperdícios.

De um lado estão às coisas, os objetos úteis, tais como podem ser consumidos ou servir para obter bens de subsistência, ou transformar matérias brutas de modo a torná-las consumíveis, ou ainda proteger contra as variações do ambiente. Todos estes objetos são manipulados e todos exercem ou sofrem modificações clássicas, visíveis e consomem-se. De outro lado, estão os semióforos, objetos que não tem utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível e são *dotados de um significado*; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura.

O mesmo autor explica que o semióforo desvela o seu significado quando este se expõe ao olhar. Assim, duas conclusões podem ser feitas a partir do pensamento de Pomian (Idem): a primeira é que um semióforo acede à plenitude do seu ser semióforo quando se torna uma peça de coleção ou quando se torna uma peça de celebração; a segunda, mais importante, é que a utilidade e o significado são reciprocamente exclusivos: quanto mais carga de significado tem um objeto, menos utilidade tem, e vice-versa.

Em resumo, e de acordo com as explanações de Pomian (Ibidem), as coleções que para os membros do meio intelectual e artístico são os instrumentos de trabalho e símbolo de pertença social, são para os detentores do poder insígnias da sua superioridade e também instrumentos que lhes permitem exercer uma dominação neste meio. No entanto, de acordo com Baudrillard (2000, p. 99) “a coleção é feita por uma sucessão de termos, mas seu termo final é a pessoa do colecionador”. E o colecionador só se constitui como tal ao ser sucessivamente substituído por cada termo da coleção, que é parte da posse do objeto, resultado da integração recíproca do objeto e da pessoa.

Entende-se em nossa atualidade que qualquer coisa é possível de ser colecionável, mas geralmente esse ato é realizado com os objetos, e, na maioria das vezes, esses são itens antigos, itens que guardam alguma história ou fragmento de “pessoas”. No entanto, é necessário se perguntar se uma coleção é feita para a contemplação ou para ser guardada e distanciada do olhar, visto que na atualidade o conceito de antigo mudou muito, e o que era antigo, hoje é “novo”.

DOS MUSEUS AOS GABINETES DE CURIOSIDADES

Na realidade, o que podemos perceber na evolução da história dos museus é uma inversão de temporalidade, isso porque as narrativas e histórias referentes à maior biblioteca do mundo, a de Alexandria, Séc. IV a.C., contam que ela foi uma das mais célebres bibliotecas da história e um dos maiores centros do saber da Antiguidade. O local foi edificado na região portuária da cidade de Alexandria, no Egito. De acordo com Mey (2004, p. 71-72), a Biblioteca de Alexandria

Nasceu durante o período helenístico, tendo como propósito refletir os valores de sua época, ou seja, de apoio à difusão do saber grego clássico para o Oriente. Sua construção foi patrocinada pelo sátrapa do Egito, Ptolomeu, que, sendo um apreciador da filosofia grega - tal como seu antecessor, Alexandre, o Grande - apoiou a criação de diversas escolas de pensamento sediadas na Biblioteca, além de museus e coleções permanentes, que acabaram atraindo diversas personalidades intelectuais de todo o mundo antigo para Alexandria.

Mey (2004) completa seu relato narrando que, junto da Biblioteca de Alexandria, existia também o Museu de Alexandria, sobre o qual foram deixados relatos mais precisos. O museu funcionava como um instituto de pesquisa, onde continha um passeio denominado de peripatos, uma galeria (exedera), jardins, paredes com pinturas coloridas, um zoológico e o santuário das Musas (Museion), local onde os que ali frequentavam buscavam inspiração artística, científica e filosófica. Os intelectuais que estudavam na Biblioteca de Alexandria recebiam alojamento, alimentação, salários altos

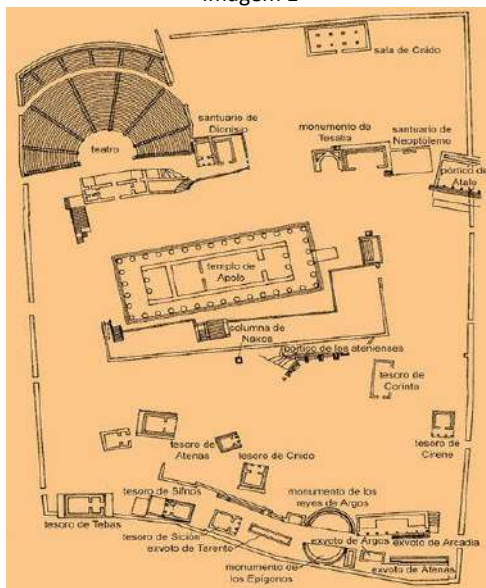
⁵¹ Dicionário on line: <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/colecionar/> acesso em 20 junho 2017.

⁵² Idem.

e isenção de impostos. O que em nossa contemporaneidade é conhecido como fomento à pesquisa ou incentivo ao pesquisador.

Também, nesse *locus* foram narrados os encontros sobre o objeto principal deste artigo: os ex-votos, que é o foco central e que liga todo o texto. Pois a biblioteca fazia parte do conjunto arquitetônico do Santuário de Delfos Séc. IV a.C., como é mostrado nas imagens 1 e 2.

Imagem 1



In: http://nova-acropole.pt/a_santuário_delfos.html
Acesso em 22 julho 2017

Imagem 2



In: http://nova-acropole.pt/a_santuário_delfos.html
Acesso em 22 julho 2017

No Mouseion de Alexandria, fundado por Ptolomeu Filadelfe, daí a possibilidade do nome do Santuário – Delfos -, tratava-se de um colégio de sábios. Ele não possuía coleções artísticas, mas um museu científico, constituído por Pinacoteca, Thesaurus, Mouseion, dentre outros ambientes. Tratando-se desse período, é possível observar as distinções dos espaços e áreas referenciadas, assim como, das distinções e especificidades do que é apresentado, as funções e utilidades direcionadas às necessidades de seus frequentadores. Essa formação durou até o período em que o local sofreu grande incêndio, em 48 a.C., quando foi destruído todo seu acervo e locais de estudo e pesquisa.

De acordo com os relatos de May (2004, p. 97)

A Biblioteca de Alexandria, após passar por grandes momentos de ascensão e decadência, teve grande parte de sua arquitetura e estrutura física destruída. Nas décadas finais do século XX, as questões relacionadas à memória começaram a se tornar uma das grandes preocupações dominantes no cerne da política dos países da região do Oriente Médio, criando-se assim, uma “Musealização da região” através de práticas que procuraram recuperar o passado e dar um maior valor àquilo que havia sido realizado.

Tais atitudes e discussões acerca do patrimônio pautaram em assuntos como: musealizar, conservar, preservar, documentar, patrimonializar. Assuntos que ainda buscam espaços em nossa contemporaneidade. Visto que não basta apenas discutir sobre, mas sim realizar o processo necessário para que os bens tombados e protegidos também sejam preservados como devidamente se necessita. Já que o “tombamento pelo tombamento” pode e causa uma série de devastação na imagem de uma cidade. Pois os bens materiais patrimonializados não podem passar por reformas ou cuidados sem as devidas liberações.

Quando foi referido no início da seção, “Dos Museus aos Gabinetes de Curiosidades”, a inversão que nos referimos é sobre a evolução da história dos museus, pois esta é uma inversão de temporalidade, isso porque as narrativas e histórias referentes às histórias dos museus começa com um museu em uma biblioteca, e não como normalmente é dito: dos Gabinetes de Curiosidades aos Museus.

Na realidade, o histórico dos gabinetes de curiosidades, surge por volta de 1550, na Europa, como sendo um local, um cômodo na casa de algumas famílias, que é destinado a abrigar e adequar em seu espaço um “*microcosmo*”⁵³ de contemplação, um local onde se tem ao alcance dos olhos fragmentos de várias culturas, de lugares distantes e distintos.

Em sua essência os gabinetes revelam um caráter enciclopédista, onde não existia uma noção ou preocupação nítida com a classificação, ou nomeação e distinção de tudo o que era exposto. Tratava-se apenas de colecionar objetos que davam a “ideia da existência de outros povos e culturas”. Como já mencionado, o ato de colecionar transfigura-se em compreensão de tudo o que há no mundo.

Com a evolução dos tempos, dos conhecimentos e dos saberes, os gabinetes vão se tornando sinônimo de poder e destaque social, aportando-se mais no caráter científico, porém sem perder de vista a mola propulsora que a priori foi a de tentar decifrar o mistério da criação, a tentativa de entender o visível e o invisível. Eles eram divididos em três caracterizações: *Naturalia* - agrupados as criaturas e objetos naturais; *Artificialia* - eram agrupados objetos criados ou modificados pela mão humana (antiguidades, obras de arte etc.); *Exotica* - eram agrupados plantas e animais exóticos; e *Científica* - eram agrupados os instrumentos científicos.

Betânia Gonçalves Figueiredo (2013, p. 19) cita que “Os proprietários desses espaços compartilhavam seus conhecimentos e objetos em catálogos com descrições”, como os Cospi, rico colecionador de Bolonha (Imagem 3), Calzolari, farmacêutico de Verona ou Ole Worm, naturalista de Copenhagen (Dinamarca), catálogo editado em 1665.

Imagem 3



O Gabinete de Curiosidades de Fernando Cospi (Bolonha),
In: <http://www.google.com/imgres?>

Podemos dizer que os gabinetes de curiosidades foram os sucessores direto do antigo museu. Pois tiveram um papel fundamental para o desenvolvimento da ciência moderna, embora em seu período refletissem a opinião popular do tempo vigente (não era raro encontrar esqueletos de animais míticos). A edição de catálogos, já referenciado, geralmente era ilustrada e permitia acessar e difundir o conteúdo dos gabinetes de curiosidades para os cientistas da época. (Figueiredo, 2013).

⁵³ Considerado como um pequeno universo, uma imagem reduzida do mundo, mundo pequeno, mundo em miniatura. In: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/microcosmo>. Acesso em 18 de janeiro de 2018.

A partir do século XIX inicia-se a era dos museus como na atualidade são conhecidos, que se distinguem desde suas tipologias aos seus acervos. De acordo com Pomian (1985), são quatro os primeiros modelos: tradicional, revolucionário, evergético e o comercial. Assim, passamos dos museus aos gabinetes de curiosidades e novamente aos museus.

Mas, o que esse fragmento e apanhado histórico tem a ver com o Museu dos Ex-votos do Santuário Basílica do Senhor do Bomfim, localizado em Salvador, Bahia?

DO PEDIDO MATERIALIZADO AO MUSEU GABINETE DE CURIOSIDADES

A necessidade de comunicação, seja pelos gestos, pela oralidade, pela escrita, pela arte ou outros meios é um fator presente e vital aos seres humanos. De acordo com Vilalba (2006), a palavra Comunicação deriva do termo *latim* *communicare* e significa “tornar comum”, “associar”.

Assim, podemos definir comunicação como a ação social de tornar comum, o processo que possibilita a compreensão mútua e o estabelecimento de relações de interferência entre indivíduos e grupos mediados ou influenciados por diversos fatores. Esse processo envolve a formação e a apresentação de sentidos e permite, inclusive, o desenvolvimento das práticas e manifestações sociais e culturais.

Silva e Oliveira⁵⁴ (2015, p. 5) mencionam que

A partir do viés de comunicação pode-se também abordar a arte popular, que é compreendida como manifestação popular, uma dentre tantas formas existentes de comunicação, e que também é geradora de fortes sentimentos de identidade. Não sendo apenas um meio de disseminar a fé, mas um meio de criar e recriar formas de difundir e perpetuar valores, crenças, memórias, uma renovação de estruturas que conserva a substância primordial da tradição. (SILVA, OLIVEIRA, 2015, p. 5)

Esse discurso afirma que as relações com o divino quase sempre são, neste caso, relações simbólicas de troca, algumas vezes do imaterial pelo material, do simbólico pelo signo, porém, sem perder o seu conteúdo, anulando a impessoalidade da relação. Nesse contexto trazemos à pauta o Museu do Santuário do Bomfim, no Brasil, local centro da pesquisa, espaço de adaptações e reorganizações.

O histórico do Santuário do Bomfim vem de muito tempo atrás. Não é tido como uma fábula ou um mito – lenda -, mas um fato real. Tal histórico decorrente dos relatos de acontecido a um Capitão de Mar e Guerra – Theodózio Rodrigues de Faria -, que no ano de 1740, vindo de Portugal para a então colônia portuguesa (Brasil) passou por forte tormenta em alto mar, temendo por sua vida e pela vida de sua tripulação, e das naus que faziam parte do comboio marítimo, recorreu ao seu santo de fé, o Senhor do Bom Fim de Setúbal de Portugal, afirmando que, caso saísse ileso de tal fúria da natureza, iria erguer um templo em homenagem ao santo no local mais alto da próxima cidade a aportar, onde o templo pudesse ser visto por quem assim chegasse pelo mar ou terra, na colônia.

A graça foi recebida pelo então devoto, e, no mesmo ano, uma ermida foi erguida em pagamento à promessa feita. Porém, à época, as construções arquitetônicas não eram erguidas tão rapidamente e com tamanha facilidade, como o é no século XXI. A pequena edificação foi finalizada para recebimento da imagem do Senhor do Bom Fim no ano de 1749, nove anos após a promessa e a chegada do devoto a Cidade do Salvador.

Com o passar do tempo cresceu cada vez mais a devoção e os milagres creditados ao Senhor do Bomfim, e em favor dos que a Ele recorriam nos momentos de suas aflições e dores, viu-se a necessidade de realizar ampliações ao local. As obras na capela tomaram efervescência, e assim foram acrescentadas torres ao local, que tiveram finalização em 1772, como informa Carvalho (1915). Com a construção das torres, tornou-se necessário a edificação de uma estrutura que as ligasse a sala da Sacristia à então criada sala dos Milagres, construindo assim varandas laterais à nave, também destinadas a abrigar os devotos e romeiros. (CARVALHO FILHO. 1925, p. 37)

⁵⁴ Trabalho apresentado na Divisão Temática IBERCOM –DTI 13 – FOLKCOMUNICAÇÃO do XIV Congresso Internacional IBERCOM, na Universidade de São Paulo, São Paulo, de 29 de março a 02 de abril de 2015.

Em parágrafos anteriores foi apresentado como o Santuário do Bomfim ficou conhecido, que não foi apenas pela fé e simbolismo ao Santo, mas também pelos milagres realizados pelo seu padroeiro. E para se manter o registro de todas as graças e milagres alcançados, foi necessário a construção de uma sala de milagres. Porém, para se ter uma melhor noção do que estamos nos referenciando, explicaremos melhor o nome e o significado do objeto, e a sua interação com o local. Falamos do ex-voto.

O termo ex-voto advém do substantivo masculino, e se refere a objetos que possuem variadas tipologias, dentre as quais se inserem os formatos, os gêneros, tamanhos, especificidades singulares e que são utilizados para representar as graças obtidas em comunicação ao santo de devoção no momento de aflição, perigo, desespero, e/ou medo como foi o caso do fundador da Basílica do Bomfim. O pagamento se dá com a desobriga do objeto em igrejas, cruzeiros, capelas, grutas, ou locais aos quais milagres foram reconhecidos, e, em muitos casos creditados.

Desta forma, Luiz Beltrão (1971) explica que o ex-voto “é comum, no meio rural, os moradores, quando não conseguem algo racionalmente, buscarem no sobrenatural o reforço para a realização dos seus intentos”. Beltrão (Idem), vê os ex-votos como *media* potenciais para divulgação de questões sociais, individuais e coletivas, que o homem simples da cidade ou do meio rural cria e executa em um processo por ele chamado “folkcomunicação”. O autor faz uma reflexão que exalta o ex-voto na década de 1960, expondo os potenciais lugares onde o cidadão comum podia divulgar a sua história, os seus acontecimentos, daí ele demarca espaços, como salas de milagres, cemitérios, cruzeiros e até nas colunas dos “agradecimentos” nos jornais impressos.

Já Luís Saia (1944) vai por outra vertente na explicação e significado do objeto ex-votivo,

A tradição do ex-voto remonta à mais afastada antiguidade. Às vezes surge como troféu de guerra deposto, após a violência, no altar do deus protetor; troféu que tanto podia ser arma ou insígnia como cabeça do inimigo. Outra firma, e está até hoje bem viva na tradição católica de qualquer parte do mundo, consiste em pagar uma promessa relativa a doença ou desastre com objetos que lembrem o pedido feito: muletas, representação da parte doente, peças de vestimenta, etc., Esculápio, célebre médico da antiguidade recebia daqueles a quem curava determinado tipo de doença o mal a reprodução da parte curada: do braço, perna ou cabeça do doente. (SAIA. 1944, 10.)

Tomando as duas noções dos pesquisadores brasileiros acima aludidos, podemos dizer que os ex-votos são ícones da cultura popular imaterial e material, e sempre estiveram presentes na história do homem. Como um elo comunicacional entre o mortal e o divino. E assim como os referenciados gabinetes, a sala de milagres comporta uma inusitada e diferenciada tipologia de objetos. Como é possível observar nas Imagens 4 e 5.

Imagem 4.



Fotografia: Silva, 2015. Sala de milagres do S. Bomfim

Imagem 5



Fotografia: Silva, 2015. Sala de milagres do S. Bomfim

O que se observa é um “ajuntamento” de objetos, sem os referidos processos de classificação, documentação, informação, conservação etc., itens pertinentes e que conferem a um museu sua caracterização e função. Bem, estamos nos referindo à Sala de Milagres, ambiente em que o povo, livremente, coloca o seu ex-voto, quando, num processo folkcomunicação, vai se instalando uma exposição, como reflete em sua teoria Luiz Beltrão (1971). Essa teoria e a prática ex-votiva irão, como veremos, influenciar em muito na expografia do Museu do Bomfim, principalmente ao percebermos que, na ala dos ex-votos, a sala de milagres é a principal fomentadora.

Especificamente ao Bomfim, e em uma descrição concisa de Clarival do Prado Valladares (1967), podemos ter uma noção do espaço como era, para então prosseguirmos com as discussões,

Ex-votos enchem totalmente as paredes e os cantos da conhecida “sala dos milagres” à esquerda da nave, onde uma porta verde de recortes vazados dá para uma escada larga; as laterais daquela escada também estão completamente forradas de quadros. Chegando ao andar de cima, há dois salões que vão de um extremo ao outro da igreja. [...] cheios de ex-votos. [...] chuva, goteira, umidade, mofo, traças, baratas, cupins, poeira estragam permanentemente esses documentos da devoção do povo. (VALLADARES, 1967, p. 1)

Durante toda a vida do santuário, sempre existiu a sala de milagres, como relatou Valladares (1967), o que faltava em realidade eram os devidos cuidados com os objetos expostos no local. De acordo com Silva (2015, p. 142):

O histórico do museu é um pouco anterior à sua concepção de fato. Ele foi idealizado no ano de 1973, quando o tesoureiro da Irmandade sentiu a necessidade de maior cuidado e zelo com as peças “de maior valor estético e artístico”. O museu foi implementado somente em 1975.

O Museu Rubem Freire de Carvalho Tourinho, mais conhecido como museu dos Ex-votos, foi concebido para funcionar na parte superior da Basílica, no presbitério, após uma subida de 20 degraus, cujas escadas se iniciam na sala de milagres, tendo como um entrave, e ao mesmo tempo distinção, a magnífica e austera porta de dois metros de altura de madeira trabalhada, recortada, vazada e entalhada.

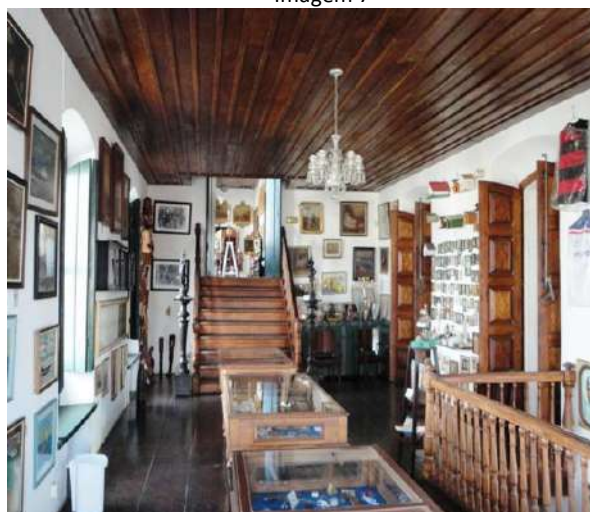
Como se observa na imagem 7, a sua estética nos remete ainda a uma sala de milagres, salvos alguns itens e a precária expografia exercida para que o mesmo pudesse ser reconhecido e denominado como museu. Ele está inserido no Guia Museus Brasileiros de 2011, referenciado na página 65, com um acervo tipológico de Artes visuais e História, deixando de fora de sua tipologia o mais presente a Religiosidade. Imagens 6 e 7, entrada e interior do Museu.

Imagem 6



Fotógrafa: Silva, 2016 – Acesso ao Museu

Imagem 7



Fotógrafa: Silva, 2016 – Museu dos Ex-votos

Como observado e narrado anteriormente, a exposição mais lembra uma extensão da sala de milagres, tanto por sua confusão de objetos, quanto por sua carência no cuidado com as obras e dos métodos museológicos praticamente inexistentes no local.

Adaptações e reorganizações

Em 2016 aconteceram vários encontros e reuniões, sempre com o mesmo relato da necessidade de mudanças e atualizações no espaço museal, porém, não era levada à frente os acertos. Ou por falta de verbas da irmandade ou por falta em tempo de organizar e disponibilizar o pessoal e material. Enfim, acabamos por suspender o que não havia ainda iniciado.

Em julho de 2017, especificamente no dia 01 de julho, uma nova reunião foi marcada para acontecer no dia 03 do mesmo mês, às 8 horas da manhã. Reunião essa que culminou no acerto para os ajustes e reorganização das coleções expostas no museu e na sala anexa. Tal fator se deu por conta da reinauguração de um órgão datado de 1865, que estava sem funcionamento desde 1915.

Assim, no dia 03, se iniciou os ajustes e a necessidade nítida da falta de preservação dos objetos e dos ambientes. Claro que não foi algo como planejado, isto porque o material solicitado foi entregue apenas na quarta-feira, dia 05, e todo procedimento se deu com materiais próprios até a data citada. Em sentido amplo, a preservação inclui o conjunto de ações voltadas para a manutenção de um determinado bem cultural, desde os instrumentos legais que o protege, até os mecanismos e as intervenções que colaboram para sua integridade, passando pelas ações de documentação, destinadas ao registro e à transferência de informações.

Helena Ferrez (1994, p. 64) destaca a extensão do conceito de preservação, que ultrapassa a conservação física. Para a autora, “a função básica de preservar, lato senso, engloba as de coletar, adquirir, armazenar, conservar e restaurar aquelas evidências, bem como a de documentá-las”.

Primeiro dia, realização da listagem de materiais necessários para os procedimentos a serem executados e a produção de uma carta Proposta para Elaboração de Projetos Museológicos no Museu dos Ex-votos do Bomfim. Com essa primeira parte concluída, no período da manhã, deu-se início a segunda etapa. Este momento foi o mais complicado e complexo de todo o processo. As questões como reorganizar? O que fazer com tantos objetos? Qual a nova leitura que darei ao espaço sem que esse perca a sua Alma? Como e até onde poderei ir?

Então, na verdade, começamos pelo final. Sim, a última questão foi a responsável para todo o desenvolvimento do trabalho. Quando novamente em esclarecimentos últimos com o tesoureiro, questionamos: O que podemos fazer e qual é o limite aqui? O que não podemos “tocar”? A resposta foi: “O museu é seu” (coordenadora dos trabalhos). “Trate-o como trataria a sua casa...”. De posse de material para tais finalidades, que possuía de atividades anteriores e exposições já organizadas, o museu foi trabalhado. No primeiro momento, o processo de descupinização no ambiente em alguns pontos afetados, em segundo momento em algumas obras (quadros, pinturas, porta retratos) também foi aplicado o mesmo procedimento. Imagens 8, 9, 10, 11.

Imagem 8



Fotografia: Silva, 2017.

Imagem 9



Fotografia: Silva, 2017.

Imagem10



Fotografa: Silva, 2017.

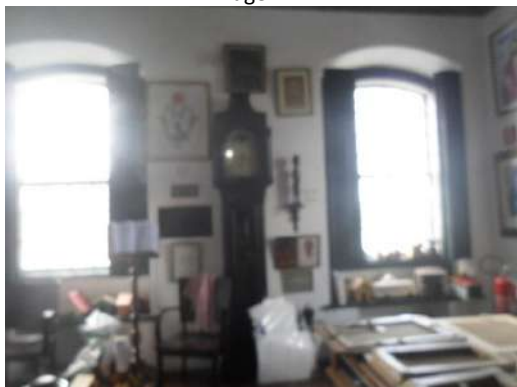
Imagem 11



Fotografa: Silva, 2017.

Na segunda etapa, os procedimentos executados foram de higienização das peças a serem acondicionadas em caixas, para posteriormente ser realizada a documentação destes, foi elaborado um arrolamento das peças, para controle do que foi retirado e do que ficaria exposto no local. Imagens 12, 13, 14, 15.

Imagem 12



Fotografa: Silva 2017.

Imagem 13



Fotografa: Silva 2017.

Imagem 14



Fotografa: Silva, 2017.

Imagem 15



Fotografa: Silva, 2017.

Após o segundo momento, veio todo o pensamento que recai sobre ex-votos e sala de milagres, pois na exposição do museu, tínhamos a responsabilidade de propor um circuito e uma expografia que se aproximassem mais de um ambiente onde a liberdade de expressão estivesse perceptível frente ao tema, como preconizou Beltrão (1971) e Valladares (1967), mesmo entendendo que tínhamos no museu as formalidades de um ambiente que é voltado mais à academia. Daí a percepção clara entre a exposição de uma sala de milagres e a de um espaço museografado.

CONCLUSÕES

De acordo com conhecimento e experiências obtidas nos cursos de graduação e pós-graduação, o processo de Musealização foi parcialmente empregado no local, visto que no processo executado, a preservação dos objetos foi exercida, com o intuito de apresentar a sua história de forma mais clara possível aos visitantes, e assim cultivar de certa forma a cultura ex-votiva e artística do local.

Como estratégia de preservação, a musealização aponta, assim, para duas direções, objetivando não apenas garantir a integridade física de uma seleção de objetos, mas também promover ações de pesquisa e documentação voltadas à produção, registro e disseminação das informações a eles relacionados, com vistas à transmissão a gerações futuras.

Apesar da maior parte do acervo do “Museu dos Ex-votos” ser composta por objetos ex-votivos, outra grande parte não é. No entanto, esse fator não interrompe o processo de Folkcomunicação presente no espaço, pois a riqueza tipológica do objeto ex-votivo já o dignifica como tal na museografia.

Ter num museu, que se mescla com alfaia, indumentárias, arte clássica, mobiliário e arte decorativa, objetos produzidos artesanalmente, já demonstra um avançar da cultura do povo no espaço clássico e nobre. Falamos das esculturas desformes, dos milagritos, das camisas de times de futebol, das tábuas votivas, dos brinquedos e muito mais tipologias que ajudam a configurar o espaço do museu. Isso já é um caminho bem andado para mostrar algo “folk”.

Podemos lamentar não ver fiéis e crentes fazendo a desobriga no museu, mas podemos refletir que, com gestos, contrições, participações e presenças das pessoas na sala de milagres, o “escoamento” de ex-votos para o museu será constante, num verdadeiro processo de encontro entre a folkcomunicação e a comunicação rígida do museu, um permanente encontro do povo com a academia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Teoria e Metodologia**. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

_____. **Comunicação e folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de ideias**. São Paulo Melhoramentos, 1971. 152 p. Il.

CARVALHO FILHO, José Eduardo Freire de. **A Devoção do Senhor Bom Jesus do Bomfim e Sua História**. 2 ed. Salvador: Reimprimatur. Imprensa Oficial. Bahia, 1925.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BLOOM, Philip. Ter e Manter – **Uma História Íntima de Colecionadores e Coleções**. São Paulo: Editora Record, 2003

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003/2017. In: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/microcosmo> Acesso in: 07 jul. 2017

Dicionário on line: <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/colecionar/> Acesso in 20 jun. 2017.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Museus. **Dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna**. Fino Traço; 2ª Ed: 2013.

FERREZ, Helena Dodd. **Documentação museológica: Teoria para uma boa prática**. Caderno de ensaios: Estudos de Museologia, n. 2. Rio de Janeiro, Minc/Iphan, 1994.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Bibliotheca de Alexandrina**. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/index>. Campinas, v. 1, n. 2, jan/jun. 2004. Acesso em 10 jun. 2017

POMIAN, Krzysztof. **Colecção. Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Einaudi, 1985.

SAIA, Luís. **Escultura popular brasileira**. São Paulo. 1944.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Riscadores de milagres: um estudo sobre a arte genuína**. Rio de Janeiro: SDC/SE./Bahia, 1967. il.

VILALBA, Rodrigo. **Teoria da comunicação: conceitos básicos**. ÁTICA. 2006. Série Princípios 261.